



---

## O imaginário da paisagem a fotografia como método de intervenção na cidade

Letícia de Fatima Durlo, UFRGS, Brasil  
leticiadurloc@gmail.com

Larissa Fauri, UFRGS, Brasil  
larissa.fauri@gmail.com

Wallace Moreira, UFMG, Brasil  
wallke.moreira@gmail.com

### **Palavras-chave :**

Cidade; intervenção; paisagem; fotografia; corpo.

### **RESUMO**

O imaginário da paisagem urbana, ao ser explorado a partir de diferentes perspectivas de intervenção, é capaz de promover e ampliar o entendimento que se tem sobre a apropriação da cidade, patrimônio e da paisagem. Desta forma, o presente artigo vem ao encontro da discussão sobre a intervenção artística como método de apreensão da paisagem imaginada, trazendo o estudo de caso da ação/experiência realizada, em dezembro de 2017, na XI Bienal de Arquitetura de São Paulo, “Perceba-(se) puder”, no entorno do Mercado Público de São Paulo, como objeto de análise. O objetivo deste estudo é evidenciar que o processo de perceber a paisagem vai além de olhar e/ou ver, mas sim - de maneira lenta - de assimilar e conscientizar-se do espaço como extensão de si. Buscou, portanto, através do lambe da fotografia, instigar e aguçar o olhar do observador para a paisagem, demonstrando que a prática da intervenção pode ser um recurso metodológico para compreensão do urbano e relações entre corpo e espaço.

---

## Introdução

O empobrecimento da experiência corporal das cidades enquanto prática torna-se facilmente uma realidade, mesmo em intervenções artísticas que, com o processo de espetacularização de ações, grandes eventos, possam fomentar a imagem passiva e estanque do indivíduo como mero espectador, ao reforçarem uma ideia homogeneizadora e consensual a respeito da paisagem e espaços públicos. Dentro de um espectro infinito de possibilidades para tal conjuntura, uma delas é porque dentro do contexto do ensino de graduação em Arquitetura e Urbanismo no Brasil, salvo raras exceções, a presença de disciplinas que abordam e/ou admitam a prática de intervenção como método de projeto é bastante parca, sendo – em geral – tomada como atividade delegada à cursos de artes visuais e cênicas, por exemplo; e esquecendo-se que há diferentes maneiras de leitura da paisagem. Neste sentido, a compreensão e apreensão do espaço passa, em sua maioria das vezes, entendida de maneira equivocada ou parcial - já que deixa-se de explorar diferentes formas e representações sobre o tema.

Para fins de entendimento neste artigo, serão utilizados os termos “intervenção”, “ação” e “prática experimental aberta” como equivalentes, mesmo que, numa discussão semântica mais profunda, possam apresentar significados distintos. Entende-se, neste artigo, “aberta”, como experiência desvinculada a um resultado único e estanque, sendo, portanto, subjetivo, dinâmico e não quantificável, no intento de “descientizar”(sic.) a ação que foi realizada, sendo seu conteúdo “resultante” absorvido unicamente através do método empírico e de observação. De maneira geral há, nas proposições de intervenção no espaço urbano, certa rigidez consequente da distinção entre propositor, espaço e público alvo, sendo um gesto de mão única, onde o proponente (qual seja, quem pensou e/ou idealizou a ação) afasta-se do indivíduo para quem se propõe a intervenção e traz algo a ser “aprendido” ou “absorvido” pelo público, sendo o espaço, a paisagem, um instrumento ou suporte para ação, e não parte integrante da do todo e, portanto, tornando o processo não simultâneo e descontínuo.

Perde-se, desta maneira, a sutileza e a possibilidade de novas conexões ao fragmentar– na espera de um resultado retórico - o espaço, o proponente e a quem se propõe a experiência, há um descolamento entre o eu, a paisagem e o outro. Sendo assim torna-se basilar a compreensão de que a paisagem não é para o corpo meramente um espaço físico a ser ocupado, mas sim processo que, pela própria interação entre os usuários, produz e configura corporalidade e ambiência. (JACQUES, 2008).

## A intervenção: perceba(-se) puder

Atentar o olhar perdido, alternar o ângulo de visão por um instante, perceber algo diferente no caminho, sentir a paisagem tal como quando foi inédita, mesmo que efemeramente, surpreender-se para detalhes que estão à nossa volta. Quantas vezes percorre-se um caminho sem, de fato, notá-lo? Quantas vezes o cotidiano é automatizado, banalizado? É possível revisitar um espaço como se fosse da primeira vez?

## O entorno

Localizado na rua Cantareira, 306, o edifício que é importante construção do município paulista do final do século XIX e a metade do século XX, foi inaugurado em 1933. Não só para atender a demanda exigida na região do centro da cidade, mas também com o intuito de consolidar a capital com a imagem de “Metrópole do Café”: trata-se do Mercado Municipal de São Paulo, ou, popularmente conhecido, o mercadão.

Neste contexto de muitas vozes, sons, cheiros, pés que correm de lá para cá, caminhões, buzinas, frutas, anúncios, bancas, resíduos, comida de e na rua que se encontra e conforma a paisagem do entorno deste icônico edifício e patrimônio da cidade. Imagem que é sempre dinâmica na visão e, aos desacostumados, caótica, condiz com uma realidade cotidiana rica em detalhes que poderiam mostrar-se como banais aos que estão habituados com aquele espaço. Bem próximo da Rua 25 de Março (Figura 1), grande centro comercial popular, não é perceptível, numa visão rápida, a quantidade de pessoas que circulam por ali, há muitos corpos em movimento constante e, por este motivo, entre conexões e reorganizações da paisagem, a proposta de intervenção realizou-se nesta região, na tentativa de coabitar com o que já é existente e propor-se como constituinte e parte desta paisagem, de maneira sutil e efêmera.

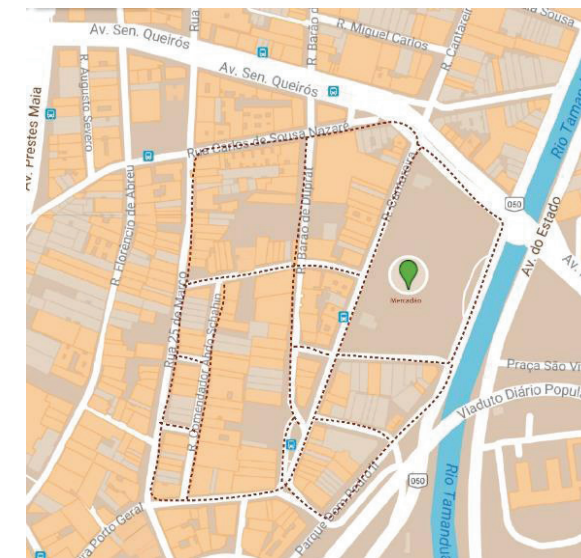


Figura 1: Entorno de intervenção escolhido pós deriva. Fonte: Google Maps e modificada Durlo, Letícia, 2018.

A delimitação e seleção de ruas do entorno do mercado não foram pautadas pelo “diagnóstico” ou em bases de dados estatísticos, objetivos e genéricos – mas sim através da realização de uma deriva que permitiu explorar o espaço sensitivamente. Traz-se a deriva e a errância, o caminhar esteticamente aberto e disponível à experiência do nômade, como processo e instrumento desta intervenção. Nesse sentido, João do Rio demonstra tato ao descrever de maneira perspicaz o espaço urbano e que justificou a escolha por este método para apreensão do lugar e da própria intervenção:

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós”. E continua por: “(...) A rua era para eles apenas um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações... Ora, a rua é muito mais do que isso a rua é um fator de vida das cidades, a rua tem alma! (...) A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça (...) Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhes as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar”. A título de comparação, entre os principais objetivos do plano de melhoramentos de Pereira Passos, citados por Alfredo Rangel em 1904, era: “Dar mais franqueza ao tráfego crescente das ruas da cidade, iniciar a substituição das nossas mais ignóbeis vielas por ruas largas arborizadas (RIO, 1908)

A experiência urbana para o urbanista errante, uma ferramenta subjetiva e singular, ou seja, o contrário de um método ou de um diagnóstico tradicional, poderia ser visto como o contrário de um modelo urbanístico, aproximando a experiência de utilização da paisagem daqueles que a fazem todos os dias, visto que se trata de uma prática ordinária, diretamente relacionada com a questão do cotidiano e com a proposta da ação.

Os impactos deste tipo de ação aberta são efêmeros e em diferentes níveis (e tempos) de absorção pelo indivíduo, no entanto a ação busca instigar a lentidão, a percepção, a consciência espacial e, indiretamente, a noção de corpografia urbana. Ver uma fotografia, por vezes, é mais conveniente do que percorrer o olho por uma grande área e extrair dela informações, e tal processo do “perceber-se” no ambiente construído tornou-se fundamental nesta prática experimental aberta, visto que quanto mais percebida e identificada a paisagem, maior entendimento da cidade e, conseqüentemente, apropriação e sentido para quem a utiliza. Olhar o espaço fotografado e identificá-lo como o mesmo espaço em que se encontra (Figura 2, 3 e 4), já potencializa a visão a olhar, pelo menos, uma vez a mais para o local. Assim, entende-se que compreender o espaço construído é perceber-se como cidadão de uma cidade tão cheia de detalhes invisíveis aos olhos apressados movidos pelo capital .



Figura 2: na esquerda, fotografia da relação estabelecida entre paisagem real e construída, na direita fotografia do lambe que foi colado na parede. Fonte: Durlo, Letícia; Arreguy, Carolina, 2017.



Figura 3: na esquerda, fotografia da relação estabelecida entre paisagem real e construída, na direita fotografia do lambe que foi colado no poste. Fonte: Durlo, Letícia; Arreguy, Carolina, 2017.



Figura 4: na esquerda, fotografia da relação estabelecida entre paisagem real e construída, na direita fotografia do lambe que foi colado no poste. Fonte: Durló, Letícia; Arreguy, Carolina, 2017.

### Apreensão da paisagem

Como exercício de hipóteses, dentre as infinitas relações possíveis a serem criadas entre corpo-paisagem e intervenção, foram levantados alguns níveis de apreensão e “acesso” à ação realizada, são eles:

1. O primeiro nível está relacionado ao direcionamento do olho para a foto, como quem circula para o espaço e percebe algo colado na edificação ou até mesmo no chão – já que nosso olho, em alguma medida do tempo, direciona-se para o chão, mas não a identifica, a imagem torna-se um borrão do qual não há nada que relacione aquele que passa com o indivíduo;
2. O segundo nível compõe-se da identificação de que o espaço físico em que se encontra como o mesmo que está presente na foto, retratado; nesse sentido, é possível perceber que houve um redirecionamento do olho, mesmo que efemeramente, e uma reorganização espaço-corporal, visto que identifica-se e, ao mesmo tempo, o trajeto rotineiro que seria feito foi modificado;
3. O terceiro consiste no questionamento do porquê aquela foto estar ali e instiga o usuário a olhar para o lugar e a foto mais de uma vez, buscando relações e despertando imag-

inários/possibilidades associativas entre ele próprio, a paisagem em que se encontra, a representada e nas diferenças contidas entre ambas, buscando seus erros e, percebendo-se como parte das duas paisagens: a real, diante de si, e a imaginada, dentro de si.

Apesar da existência destes níveis considerados de “acesso”, sabe-se que por tratar-se de uma intervenção subjetiva e aberta, estes de nada servem como base para o entendimento de profundidade ou realidades despertadas que possam ter sido provocadas pela ação, mas, sim, uma maneira lógica organizativa de pensar a respeito do próprio trabalho como espectador de maneira especulativa.

Assim, entende-se que a espetacularização das cidades - através de megaprojetos, monumentos e culto ao que atrai os olhos ao que não é sutil, mas àquilo que grita “olhe para mim, me veja, estou aqui, sou muito mais alto que você - é pungente; cabendo também ao arquiteto e urbanista também explorar formas que destoam desse diálogo, sendo imprescindível para um entendimento de cidade mais acolhedora, convidativa e participativa. Para tanto, faz-se fundamental chamar e envolver aqueles que reconhecem realidades urbanas alternativas que registram lembranças, experiências, transformações da cidade, de seu espaço público e sua cultura.

### Metodologia

A proposta consistiu em ser realizada dentro de um período de 24h, sendo incluído neste processo: realização de uma deriva, reconhecimento da paisagem e apreensão das fotografias de maneira livre e sensitiva, sem ponto de origem e destino; processo de seleção e modificação das imagens digitalmente; envio para impressão; confecção da cola/grude para aderência do lambe na parede; realização da intervenção e período de observação.

É uma ação de fácil aplicabilidade e necessitou de poucos recursos para ser executada, pois demandou de materiais relativamente baratos e de fácil acesso (rolo, bandeja, maisena, água, cola, farinha e impressões). O lambe-lambe é uma técnica rápida, simples e com capacidade de impacto visual. Caracteriza-se pela linguagem comunicacional: o lambe é feito para ser visto. Ainda que sobre muretas ou em baixo de pontes, estes cartazes compreendem em sua técnica o fim de comunicar ou falar sobre algo. Ligada à necessidade de resistir e denunciar, esta técnica potencializa-se no Brasil após a Segunda Guerra Mundial e a urgente demanda dos artistas em fazer política. Assim, a escolha da técnica do lambe faz-se pelo seu desejo de abrir momentos de fala: comunicar algo ao transeunte que disperso, tudo vê mas nada observa. Ainda que comunicativo, a escolha do lambe se dá também pela compreensão processual deste tipo de interferência: uma vez colado, não há como prever as permanências e desmanches que este irá incorrer. Desde o momento da fixação do cartaz a cidade absorve como paisagem e torna-se ela também, parte do amadurecimento conceitual da perda. Perder o lambe para a cidade é também sabê-lo integrado à paisagem- ora arrancado ou derretido com a chuva. Vigiar o que lhe acontece não é o objetivo deste trabalho, importa mais pesquisar o movimento que o deslocamento desta linguagem na paisagem urbana- o lambe compondo esta paisagem- diz so-

bre a percepção da cidade. Ainda entender o lambe em São Paulo atualmente é pensar sobre a história das lei Cidade Limpa<sup>1</sup>

Assim, após a captura de imagens e sua modificação digital através do programa de edição Photoshop, fez-se o envio das imagens para a gráfica em papel A3 de gramatura baixa (75g), de modo que o mesmo pudesse absorver a cola e fixar-se sobre o suporte. A colagem dos lambes era, inicialmente, prevista para ser realizada com o público, através de uma oficina de colagem de lambes, no entanto, por motivos de logística e intempéries climáticas, a colagem foi realizada pela equipe responsável da intervenção; sendo a oficina realizada em dia posterior à colagem dos lambes da intervenção.

### Considerações Finais

O trabalho de intervenção “perceba(-se) puder, demonstrou possuir relevância a medida que executa uma maneira distinta de propor-se intervenção, visto que não se sugere eternizar a ação como “obra”, mas, pelo contrário, busca refletir sobre maneiras de abordagens que envolvam a lentidão, já que o usuário é convidado à imersão dentro de uma realidade presente no imaginário e, para tal, requer que o mesmo reorganize-se espacial e temporalmente no trajeto que estava previsto realizar antes de contato com a imagem do lambe; resgata o efêmero, em virtude da própria ação ter durabilidade curta, em detrimento da materialidade do papel, mas também por tratar-se de prática considerada “vandalismo” na cidade, sentimento que intensificou-se na atual gestão do município de São Paulo; e aborda a errância e o desprendimento em relação a seu resultado, desvinculando-se do pré-programado ou hipotético, sendo suas implicações abertas, subjetivas e íntimos à cada um que permitiu-se intervir pela intervenção, ocorre, portanto, uma proposição de experiência sem quantificar ou na “espera de” algum resultado.

Assim, conclui-se que são inúmeras as maneiras de habitar o ambiente urbano e relacionar-se com a paisagem, que atravessam a imaginação e as vivências de suas diversas populações. Usufruir das arquiteturas, em suas variadas dimensões, faz parte do cotidiano daqueles que utilizam as cidades, mas são poucas as oportunidades de conversar sobre sua adequação às necessidades de seus moradores e transeuntes, assim como espaços para questionar as estruturas existentes e propor novas configurações, derivadas de desejos e de seu imaginário.

O ato de projetar, fundamental às práticas dos profissionais encarregados de propor espaços públicos e privados, é colocado em questão e, acima de tudo, apresentando como possível a ação/intervenção fomentando o pensamento a respeito de questões pungentes, dar visibilidade a percepções espaciais, ações pontuais, experiências abertas e imaginários da paisagem produzidos cotidianamente por diferentes agentes da cidade. Para tanto, fez-se fundamental chamar, envolver e dar voz àqueles que conhecem e vivem realidades urbanas para compor, com estes, registros de formatos distintos, prestigiando e potencializando os “espaços banais”

da paisagem. São lembranças, memórias, símbolos, ações que transformam a experiência do espaço coletivo e as formas de expressão cultural, que desnudam os imaginários urbanos vividos. Tratou-se de um olhar não técnico sobre a cidade, um olhar que desvenda o outro, a si, o espaço invisível.

Por fim, a intervenção mostrou-se como uma investigação extra disciplinar, com o intuito de propor configurações alternativas aos métodos tradicionais de contraposição entre teoria e prática, arte e ciência. Em relação ao método, a investigação integrou-se com criação e a informação passa a ser fruto de colaborações e experimentos abertos na cidade. A prática do pensar é potencializada por experiências corporais, afetivas e perceptuais, o espaço-tempo tornou-se um processo contínuo de criatividade heterogênea e generativa. Experimentar e intervir nas relações sensíveis entre corpo e paisagem, tornou-se uma ferramenta de ampliação tanto do campo das artes quanto das ciências que se ocupam do espaço urbano.

<sup>1</sup> Lei nº 14.223, a Lei Cidade Limpa, em Anped

## Referências

BRASIL (Estado). Constituição (2006). **Lei nº 14.223**, de 26 de outubro de 2006. . São Paulo.

BRITTO, F. D. E.; JACQUES, P. B. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. Cadernos PPG-AU/UFBA, Salvador, v. 7, número especial, 2008.

FERNANDES, Ana; BERENSTEIN JACQUES, Paola. Territórios urbanos e políticas culturais. Cadernos do PPGAU/FAUFBA, número especial, Salvador, 2004.

JACQUES, Paola Berestein. Corpografias Urbanas. 2008. Disponível em:< <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>

RIO, J. A rua. In: A alma encantadora das ruas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, Hertha Tatiely. Cartazes Lambe-lambe: apropriação e significação do/no espaço urbano. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 26., 2017, Campinas. Anais... . Campinas: Anpap, 2017.